

submerge no laguinho do jardim botânico, junto à parte interna dos muros, do lado ocidental.

Durante o dia, quem se debruça nas margens do pequeno lago e contempla com atenção amorosa, subitamente vê Lucida que sorri para si mesma, deitada na alcova do seu quarto de 1600.

O Telefonema de Natal

Autor: Alberto Bevilacqua

Tradução: *Silvia Catarina Rossi*¹

Orientação: *Profª Susana Termignoni*

Eu. Interessado que sou em mulheres, naquela véspera de Natal estava só.

A minha profissão? Escrevo histórias, especialmente sobre personagens femininos e reais, que sempre me oferecem novas surpresas. Tenho como clientes editores, produtores cinematográficos e teatrais, diretores de jornais. Alguns me pedem: “Uma história que me faça ficar de boca aberta.” E eu escavo no subsolo espetacular do Planeta-Mulher. Outros, ao invés: “Quero uma história que me divirta”. E eu procuro na extravagância feminina. Outros ainda: “Quero que você me faça chorar. Lembra daqueles choros sentidos de uma vez, que se faziam quem sabe até no escuro de um cinema, e que hoje não se fazem mais? Ah, a Garbo!” E eu procuro, entre os sentimentos frustrados, as solidões das minhas queridas amigas.

Quem faz o meu trabalho tem um pouco de cão de trufa. Para encontrar a trufa de qualidade — seja ela de Alba, amarelo ouro com raias brancas, símbolo de otimismo, ou de Norcia, verrugosa e escura — é preciso um olfato excepcional. Quando perco meu olfato e minha cabeça está vazia, penduro na porta o metafórico cartaz: “Fechado para férias mentais”. Nos dias que antecederam a véspera de Natal, eu tinha pendurado o cartaz. São casos em que minha angústia mental se projeta em um caos extremo. O caos, como um bumerangue, aumenta a angústia. Vivo só, desde que minha mulher se foi. Ninguém me ajuda a romper o círculo vicioso. Acabo afundando na desordem.

Tinha distribuído presentes de Natal às minhas amigas fornecedoras de histórias. A cada uma um presente diferente, de acordo com o seu caráter. Mas eu não tinha recebido nenhum presente. Por outro lado, era justo: os seus presentes já me haviam sido concedidos. Espantava-me, contudo, que todas tivessem desaparecido de Roma: uma aqui, outra ali, em férias. Eu tinha telefonado, esperando passar o Natal pelo menos na companhia de uma delas. Mas a minha esperança frustrara-se. Estranho: pela primeira vez a idéia de passar o Natal sozinho deixava-me triste e lastimava o presente de Natal que não tinha recebido.

Aproximava-se a hora da janta e o telefone tocou. Era uma voz de mulher: “Você não me conhece.” Falou isso com graça. Em geral as desconhecidas são arrogantes. Como se a culpa de serem desconhecidas fosse minha. De qualquer

¹ Aluna do Curso de Bacharelado em Letras – Português/ Italiano, graduada em 1995.

maneira, nunca replique: “E o que quer de mim?” Somente quando não é feita, a pergunta recebe uma resposta solícita. Ao meu “Boa Noite”, cortês, a mulher afirmou: “Não quero nada. Simplesmente dizer-lhe que eu, ao invés, o conheço. Há anos. Sob os meus olhos, você se casou, fez sucesso, teve histórias com outras mulheres. Passou dos amores à solidão.”

Uma voz que vinha, percebi logo, de uma inteligência psicológica incomum.

“Responda a uma pergunta. Você acredita que uma mulher possa se apaixonar por um homem e viver este amor, com intensidade, justamente evitando com cuidado qualquer envolvimento com ele? Qualquer contato direto, mesmo o mais simples?”

“Distanzliebe”, respondi-lhe. “Amor à distância. Freud.... Forma idealizada de exaltação que tem por objeto personagens conhecidos. É platônica por força das circunstâncias, mas também por medo da desilusão que é justo esperar depois de cada supervalorização. Na gama dos fetichismos, o amor à distância reveste-se de um caráter todo particular.”

A desconhecida repreendeu-me: “Bobagens!”

Retomou o relato e percebi que, de fato, estava se empenhando em esclarecer um sentimento mais complexo.

“No início, procurei contatá-lo. Talvez para fazer amor com você. As coisas de sempre...”

“No início, quando?”

“Quando, de Parma, você veio para Roma. Era, olhe só, o Natal de 1960... Depois, como estava dizendo, descobri que o meu prazer consistia em deixar que você me escapasse da mão, até se tornar inatingível. De tanto ser a sua sombra, em algo bem diferente tinha-se transformado o objeto da minha sede amorosa.” A voz hesitou: “Eu queria ser o seu desconhecido. O desconhecido que acompanha cada um de nós, no qual nos refletimos, sem receber em troca nenhum sinal. Queria dar um corpo, o meu, ao seu desconhecido. Até porque a ele você se dirigia continuamente, escrevendo. Com os seus desafios quando estava eufórico. Com o desejo de desaparecer, anulando-se, quando estava deprimido... Conheço bem suas euforias e suas depressões. Assim, me parecia que eu estava lhe oferecendo um privilégio.”

“Que privilégio?”

“A desconhecida que o seguia e perscrutava com olhos humanos e auspiciosos.”

Fosse ou não verdade, a mulher revelava qualidade de pensamento, uma boa imaginação. “Imagino o que você está pensando”, continuou. “É a mitômana de sempre, com os desabafos de sempre: afetados, veleitários.” “Não”, menti parcialmente, “o que você está me contando é sugestivo. Exato: é uma sugestão... Mas gostaria de saber como se traduzia em fatos. O que você fazia concretamente para ser, conforme a sua expressão, o meu desconhecido?”

“Era testemunha assídua, principalmente dos comportamentos aos quais não se dá importância. Momentos de solidão em que parecia que estivesse perdendo o seu tempo. Relações banais com os outros. A parte da vida que consideramos desperdiçada na medida em que não a compartilhamos com ninguém por um objetivo qualquer. Talvez o mais desinteressado: uma amizade... Pois bem, aqueles comportamentos, aquelas relações, aquele tempo, eu os recolhia e os registrava, evitando que desvanecessem no nada. Eles adquiriam um sentido transformando-se em mim, a formiga das suas migalhas, em sentimentos de prazer ou de mágoa, às vezes de piedade... Eu era o seu pequeno Deus, você entende? Supondo que Deus exista, qual a sua função senão esta? Elaborar, na própria existência, aquilo que os homens crêem dispersar rumo à morte; levar em consideração os seus segredos desesperos; comunicar-se com seu terror de viver inaudíveis sobre a terra.”

“Quero uma prova concreta.”

Respondeu-me: “Uma janela, não distante das suas...”

“Mas qual janela?!” , reagi.

“Rua Dandolo”, continuou com calma. “Em Monteverde Vecchio, Roma. Eu também o espiava daquela janela.”

Revi o lugar. Quatro peças alinhadas. De um lado, davam para um corredor; do outro, para um pátio. Seguido ficava na janela que dava para o pátio. E o meu olhar corria para o alto, para uma janela precisamente à esquerda. O que me impelia a levantar os olhos? A figura parada atrás das vidraças, da qual nem ao menos tinha certeza? Ao invés de uma pessoa, podia tratar-se de um reflexo.

“Era você?”

“Eu”, repetiu docemente.

Eram os anos sessenta. Dez anos da minha vida, naquela casa da rua Dandolo. E agora a desconhecida evocava-me episódios e detalhes, aparentemente insignificantes, que eu tinha afastado da mente.

“Até mesmo quando você foi viver em outro lugar, eu o segui, sempre.”

Enquanto a noite de Natal se fazia mais escura, um balanço do que eu tinha sido, sem o saber, fluía dos tons daquela voz, que tinha o poder de me encantar.

Contra a depressão provocada pela solidão natalina, parecia-me que a existência, que havia passado, tivesse tido um sentido, tivesse sido iluminada por uma sua dádiva.

Perguntei-lhe: “E por que você me telefonou só agora?”

“Chegou o momento que eu esperava.”

“Que momento?”

“A sua solidão tornou-se profunda e irremediável. Sua falta de confiança no mundo, completa. Há muito tempo você não me dá mais nenhum pretexto para as minhas explorações e identificações. O seu pequeno Deus vagueia em torno do seu vazio...”

“E então?”

“Devemos recomeçar. O meu telefonema é o presente de Natal que ninguém lhe deu. O meu presente é uma história incomum, a minha, e ao mesmo tempo um mágico augúrio. Gostaria que brindássemos juntos a esta véspera de Natal.”

Uma garrafa de champanhe esperava, na cozinha, para ser aberta em companhia. Ao tirá-la do balde de gelo, tive a sensação de reanimar uma criatura que tivesse perdido toda a esperança. Duas rolhas saltaram do lado de cá e de lá do telefone.

“Feliz Natal”, disse-me a desconhecida.

“Feliz Natal”, respondi.

Toquei o fone com o copo cheio. Ela fez o mesmo. Este foi o nosso brinde.

“Você também está sozinha?”, perguntei.

“Certamente. Porque você está. Se uma grande planta perde a sua linfa, deixa cair suas folhas, ressecar seus galhos, até a plantinha parasita seca.”

A desconhecida desligou. Com um adeus.

No dia seguinte, fui até minha velha casa da rua Dandolo. O porteiro levou-me ao pátio. Indiquei-lhe a janela, à esquerda. Precisei ter coragem para explicar a situação. Sentia-me ridículo.

“É verdade”, respondeu-me. “Naquele apartamento vivia uma mulher. Deveria lembrar-se dela. Seguidamente o senhor a encontrava e a cumprimentava, embora distraidamente. Uma mulher graciosa, mas pequena e de aparência insignificante. Era muito amiga de sua mulher. Quando sentia-se sozinha, sua mulher subia até lá, para fazer confidências.”

“O senhor disse: *morava...*”

“Sim. Foi embora já faz tempo. Mais ou menos quando o senhor foi embora.”

“E agora, quem mora lá em cima?”

“Ninguém. O apartamento está vazio.”

“Gostaria de visitá-lo. Importa-se?”

Subimos. Encontrei-me em grandes peças desertas. As paredes estavam atravessadas por faixas de umidade. No centro do que devia ter sido a sala de estar, uma garrafa de champanhe, dentro de um balde de gelo deixado no chão. Pedi ao porteiro que me deixasse só. Brindei sozinho. Brindei comigo mesmo, olhando para o pátio, observando a fachada em frente. Lá estavam as janelas, no segundo andar, atrás das quais tinha passado dez anos da minha vida. Havia uma família de desconhecidos que festejavam o Natal.

Andei pelas peças, até o cair da noite. Qualquer vestígio da mulher que tinha sido o meu desconhecido, o meu Deus, me emocionava. As marcas brancas deixadas pelos quadros retirados, pelos móveis; duas gaiolas enferrujadas onde, provavelmente, canários tinham esvoaçado; latas vazias, aqui e ali.

Revi a arvorezinha, ao fundo, entre as casas, com a forma de um Cristo suspenso na vastidão desolada de um pátio. Fui embora quando a lua despontou sobre aqueles galhos secos. Pensei: quem sabe se aquela arvorezinha poderá refloreecer. Seria preciso um milagre. No Natal os milagres são possíveis. Mas nem sempre é Natal.